

Apresentação

*A incompreensão do passado nasce,
afinal, da ignorância do presente.*

Marc Bloch

Os anos 60, ainda *quentes* em muitas memórias, abrem o dossiê da História do Tempo Presente. Jean-François Sirinelli faz um convite estimulante a revisitar estes anos cronologicamente próximos, mas que parecem já tão afastados. E mobiliza as referências que têm garantido a diversidade – e a riqueza – dos estudos históricos do Presente: o diálogo com diferentes dimensões da própria História e com outras disciplinas das Ciências Humanas. Trata-se de saber: houve, então, o aparecimento de novas tendências, que haveriam de marcar profundamente o futuro, marcos históricos, na acepção forte do termo, assinalando rupturas, descortinando horizontes desconhecidos, ou meras gesticulações que, embora espetaculares, tenderiam a se desmanchar como espuma, incapazes de assumir a consistência – e a duração – que tornam um fato, um episódio, um conflito, um processo, mercedores do olhar crítico do historiador? Perdeu-se/ganhou-se um mundo a partir dos anos 60? Ou, por sobre o alarido barulhento e as utopias delirantes, nada de substantivo se alterara, mantendo-se firmes, embora parcialmente abalados, em suas rotas de cruzeiro, os sistemas dominantes?

Na seqüência, Paulo G. Fagundes Vizentini propõe uma reflexão sobre as tendências atuais no grande jogo das relações internacionais. Um outro enfoque, sem dúvida, mas que também contribui para reafirmar a pertinência dos estudos históricos do Presente: fazer brotar do magma confuso da torrente de informações escritas e audiovisuais que, muito interessadamente,

acossam as sociedades contemporâneas, uma perspectiva – e um sentido. É neste trabalho que se distingue o historiador do jornalista, ou do politólogo apressado, desbastando do aparente caos de confusas árvores dos mais diferentes tamanhos e cores o bosque da coerência que faz um conjunto. Assim, do aparente domínio unipolar do Estado Norte-americano emerge um mundo cada vez mais multipolarizado. De uma força que parece incontrastável, os fundamentos de uma fraqueza estrutural, histórica. Do “choque das civilizações”, principalmente cultural, as razões e as raízes políticas e econômicas (sem subestimar a dimensão cultural) dos grandes conflitos contemporâneos. O declínio da superpotência, entrevisto na pujança de seu poderio militar. O desvendamento das pretensões políticas hegemônicas e a evidência de seus limites num mundo complexo, insuscetível de dominações unívocas.

Denis Rolland, no terceiro artigo do dossiê, lida com uma das expressões mais inovadoras da revolução científico-tecnológica em curso – a *internet*. De um instrumento de informação e de pesquisa, constrói-se um objeto, perscrutado pelo olhar crítico do historiador. Assim, os *sites* dos Ministérios de Relações Exteriores de um conjunto de países, particularmente os da França e do Brasil, aparecem como fatores de preservação – e de reconstrução – da memória. Preservar e modelar, ou melhor, preservar para modelar. A memória e seu trabalho seletivo: os silêncios reveladores, as revelações que obscurecem, quando não a pura e simples instrumentalização, ou as distorções, deliberadas ou inconscientes. Na apresentação e na divulgação de *histórias oficiais*, os surtos de amnésia falam de passados que não passaram, de processos recalcados ou reinventados. O historiador, em sua faina, tenta desmontar, desconstruir e, sobretudo, compreender o sentido de tantos ângulos mortos, freqüentemente a despeito das fontes em que tais virtuosas instituições dizem apoiar-se.

Francisco Carlos Teixeira da Silva encerra o conjunto de trabalhos com um estudo sobre as relações entre história e cinema. As guerras, que tanto devastaram o século XX, sobretudo pelos meios técnicos empregados, alcançando níveis desconhecidos até então na história da humanidade, uma vez filmadas, mais do que ilustrações, tornam-se fontes e objetos da história.

Concentrados de valores apregoados, propagandeados, recusados, ora colocando em relevo figuras heróicas e míticas, ora a humanidade simples e comum, com suas misérias e grandezas, celebrando ou denunciando as atro-

idades e as mortandades, os filmes de guerra traduzem visões de história e, como tais, exercitam as memórias, operando escolhas, abrindo e fechando portas para múltiplas formas de compreensão da história.

Os quatro estudos atestam a vitalidade da História do Tempo Presente. Sintonizados com a reflexão em epígrafe de Marc Bloch, criticam uma certa ilusão, ainda persistente em nossos dias, de que o historiador encontraria conforto e eficácia abstraído, abstraindo-se, das questões e dos debates do seu tempo, ignorando-o, ignorado por ele, para melhor poder dedicar-se aos objetos dos passados que já passaram.

E exploram o território do Presente de forma própria, ousados, assumindo o risco de se enganar (Maurice Nadau), com os instrumentos específicos da História, distinguindo-se de politólogos, sociólogos e jornalistas, embora mantendo com os mesmos profícuos diálogos, emancipando o presente do autismo a que muitos querem condená-lo (Jean-Pierre Rioux), procurando responder às crescentes demandas sociais das complexas sociedades contemporâneas, inquietas, em demanda de perspectivas e de sentido num mundo cada vez mais cambiante, instável e surpreendente – moderno.

Se é verdade, como sustenta J.-F. Sirinelli, que o historiador, ou a historiadora, sendo uma pessoa do presente e trabalhando sobre o passado, será julgado inapelavelmente pelo futuro, temos a convicção de que os artigos propostos por este dossiê, pelos estímulos que proporcionam, resistirão à prova do tempo e merecerão do futuro atenção e interesse.

Daniel Aarão Reis